



Nos vinte anos da AMP, a EBP e o Brasil

Marcus André Vieira

A EBP e o Brasil

A “comunidade de interesse” da EBP aproxima-se dos dois mil e quinhentos integrantes; *Veredas* nossa lista informativa chega a mil inscritos; nossas últimas Jornadas reuniram mil participantes. Dados estes números, porém, somos poucos membros, apenas 185. Essa parece ter sido a melhor forma de desafiar a dispersão continental brasileira e os antagonismos histórico-geográficos: com um núcleo coeso de membros.

Do ponto de vista institucional, a EBP é o conjunto de suas seis Seções e quatro Delegações. Esse conjunto, porém, não tem centro. Apesar de grandes diferenças em termos de tamanho ou importância local, nenhuma Seção assume este papel. O maior Uno da EBP é, portanto, este pequeno conjunto de membros que viajam muito, encontram-se regularmente e partilham a mesma orientação.¹

Talvez por esta razão, tenha a EBP relativamente pouca expressão, como instituição, na vida política nacional. No plano das Seções a situação é um pouco distinta. Cada Seção é o centro nervoso da orientação lacaniana em sua cidade, duas Seções são reconhecidas como utilidade pública regional. Várias, muitas vezes apoiadas na inserção de um dos seis Institutos Brasileiros do Campo Freudiano, têm expressiva presença no campo da saúde mental, nas varas de família, nas escolas e hospitais.

Apesar disso, o perfil geral se mantém, somos uma força política “em rede”: estamos presentes em número e influência, mas quase sempre no “um-por-um”. Somos desejados “no varejo”, tolerados como discurso e quase foracluídos como instituição. O mesmo é válido para nossa presença nas Universidades. Maciça, por vezes, eventualmente capaz de ações coordenadas, mas muitas vezes tida por inexistente como interlocutor institucional definido.²

A AMP e a EBP

Há pouco tempo, a ação lacaniana no Brasil encarnava a orientação da AMP articulando dois caminhos principais. Estávamos um a um nos hospitais, escolas, prisões etc. por um lado e, por outro, criávamos nossas próprias instituições, de orientação lacaniana, dentre as quais os CPCTs eram paradigma. O perigo de romper o laço com a situação analítica e de perdermos o norte de sua experiência nos levou a uma reorientação que passa hoje pelo lugar de destaque dado ao passe. No campo das entidades lacanianas, ele nos distingue e, quanto à nossa presença na cidade, ajuda a não perder o norte da diferença absoluta. Estamos, porém, ainda aprendendo a modular nossa política da enunciação para que ela se mostre pertinente nos diferentes espaços institucionais em que estamos presentes.

Este parece ser o desafio atual. Não podemos retornar sobre a especificidade do trabalho nestes espaços apenas com base na oposição entre psicanálise pura e aplicada sob pena de romper a articulação entre seus termos. Por outro lado, não podemos correr o risco de idealizar o passe a tal ponto que isso o separe demasiado da experiência cotidiana e pareça situá-lo sem efeitos sobre ela. A renovação na AMP passa a meu ver por este desafio, pois os analistas por vir tendem, pelo menos no Brasil, a estar concentrados nestes espaços.

É essencial, ainda mais porque na vigência do mestre contemporâneo, o próprio lugar do analista se vê, ali, modificado. No campo da clínica, as intervenções e programas não são mais sustentados

pelo mestre em cujo avesso encontrava-se o analista. O mestre contemporâneo não tem mais cabeça, é sempre um conjunto de gestores que faz dos desastres que provoca com sua forclusão do impossível argumento para seus “choques de gestão”. Vale ressaltar como, no campo da saúde mental, por exemplo, vários jovens analistas têm tido a necessidade de assumir funções de gestão para poderem se manter no campo da clínica.³

Quanto a este ponto, talvez por seu reduzido número de membros, a EBP tem observado um processo contínuo e suave de incorporação de analistas mais jovens que a partir de suas análises e trabalho tornam-se conhecidos e criam seu lugar na comunidade terminando por se candidatar.

O Brasil e a AMP

Nossa comunidade se lança ao trabalho a partir da premissa, postulada por J. A. Miller, de um outro real. Mudanças no simbólico estariam a tal ponto efetivadas que o modo de apresentação do real necessariamente se altera. Se há um real para este século, nada impede que o do século passado continue entre nós. Assumimos, assim, o quase paradoxo de um "novo" real e abrimos a porta a uma *pluralização* do real. Neste sentido, podemos supor alterações, na cultura, com relação à sensibilidade quanto ao modo como o real se apresenta em uma análise. É o que talvez se verifique com relação à psiquiatria, por exemplo, bem mais distante de nós do que no passado. Por outro lado, áreas da cultura até então avessas podem se mostrar mais próximas do real da psicanálise que outras. No caso do Brasil, é frequente a busca pela psicanálise por parte de pastores protestantes, das inúmeras variantes de cultos que nos últimos vinte anos espalharam-se por toda a população, especialmente nas classes mais pobres (vale lembrar que as duas últimas tentativas de regulamentação da psicanálise partiram das bancadas destes religiosos). Uma nova geração de protestantes, mais abastada, tem buscado a psicanálise não mais para se apropriar dela para seus próprios interesses, mas em uma busca evidente de transcendência.

Finalmente, e bem mais prosaico, o Brasil segue mais antenado para o que acontece nos Estados Unidos do que na França e mesmo na América Latina. O mesmo é válido para sua própria formação cultural, em que todos querem falar inglês e relativamente poucos o Francês ou o Espanhol. Não deveríamos levar isso mais em conta quando pensamos em uma estratégia de trabalho para a AMP nos países de língua inglesa?

Aux vingt ans de l'AMP : un peu de l'EBP et du Brésil

Marcus André Vieira

L'EBP e le Brésil

La communauté des participants des activités de l'EBP est proche des 2500 personnes; *Veredas, notre liste*, arrive à un millier d'abonnés, nos dernières Journées ont réuni presque mille. Vis à vis de ces chiffres nous sommes très peu de membres, juste 185. Il semble être la meilleure façon de faire face à la dispersion continentale brésilienne ainsi qu'aux antagonismes historiques et géographiques de notre pays: par intermède de ce petit noyau dur de membres.

Du point de vue de l'institution, l'EBP correspond à l'ensemble formé par ses six Sections et quatre délégations. C'est un ensemble qui n'a pas de centre. Malgré les grandes différences entre les Sections aucune n'assume ce rôle. le centre de l'EBP est plutôt ce ensemble des membres qui voyagent beaucoup, se retrouvent régulièrement et participent d'une même orientation.

C'est peut-être la raison de la petite expressivité de l'EBP sur le plan national (en tant qu'institution). Cela change sous l'angle des Sections: chacune répond de l'orientation lacanienne dans sa ville, deux parmi elles sont reconnues d'utilité publique, plusieurs ont une présence nette dans le champ de la santé, du droit, dans les écoles et les hôpitaux (fréquemment appuyées sur un des six Instituts Brésiliens du Champ Freudien).

Ceci étant, l'accent reste le même: en tant que réseaux, nous sommes une importante force politique, ce qui n'est pas aussi de l'EBP en tant qu'institution. Nous sommes désirés un par un, tolérés comme

discours et presque forclos en tant que interlocuteur institutionnel. C'est encore valable en ce qui concerne notre présence à l'université: elle est très importante par rapport au nombre de collègues et l'importance de ces contributions, est capable d'actions organisées éventuelles, mais est très souvent tenue par inexistante, en tant qu'interlocuteur institutionnel des autorités.

L'AMP et L'EBP

Il y a peu, l'action lacanienne au Brésil incarnait l'orientation de l'AMP en articulant surtout deux voies. On était nombreux, un par un, dans les écoles, les hôpitaux etc d'un côté et, de l'autre, on créait nos propres institutions, parmi lesquelles les CPCTs faisaient paradigme. Le risque de rompre le lien entre ces expériences et la situation analytique nous a conduit à une réorientation qui passe aujourd'hui par le rôle de la passe dans nos Écoles. Elle nous distingue dans le champ des institutions lacaniennes et nous aide à ne pas perdre le nord de l'expérience psychanalytique. Nous sommes, cependant, encore à apprendre à moduler notre politique de l'annonce de façon à ce qu'elle puisse montrer sa pertinence dans les différents espaces de la ville où nous sommes présents.

Ceci semble être le déficit actuel. On ne peut revenir à l'accent sur l'opposition entre psychanalyse pure et appliquée afin de traiter la spécificité de ce travail et l'on ne peut non plus prendre la passe, en tant que telle, comme seul guide. Dans ce cadre, relativement éloigné de la pratique quotidienne de ces espaces, elle risque d'être trop idéalisée ou vivement rejeté par rapport aux transferts dans chaque cas. La rénovation dans l'AMP, à mon point de vue, passe par ce déficit, car les nouvelles générations d'analystes sont plutôt concentrées dans ces espaces.

C'est ressenti d'autant plus parce que sous l'hégémonie du maître contemporain, c'est la place de l'analyste elle-même qui se trouve déplacée. Le maître contemporain n'a pas de tête, il est à chaque fois plutôt un vaste ensemble de gestion, capable de faire passer les désastres engendrés par son régime d'action bureaucratique comme raison de monter encore un cran dans le discours gestionnaires de la vie. Difficile de trouver une place dans l'envers de ce discours. Il faut noter alors que l'on retrouve de plus en plus de jeunes qui obligent de assurer des fonctions de gestion et d'administration afin de pouvoir rester au près du champ de la clinique qui les intéresse. C'est ce que l'on apprend avec les nouvelles générations de l'EBP qui, jusque là n'a pas de difficultés d'intégrer ces nouveaux venus. Peut-être du fait de son petit nombre de membres, on observe un souple et continu processus d'incorporation de ces praticiens plus jeunes, qui finissent par devenir membres.

Le Brésil et la AMP

Notre communauté est actuellement mise au travail à partir de la postulation, par J. A. Miller d'un autre réel pour notre siècle. On assume que les modifications du symbolique ont engendré une présentation tellement distincte du réel que l'on se permet de parler d'un "nouveau" réel. Rien n'empêche que le réel du siècle dernier se maintienne parmi nous en même temps et l'on ouvre ainsi la porte à une pluralisation du réel. Dans ce sens on peut imaginer que le rapport au réel tel qu'il se présente dans une psychanalyse puisse se trouver déplacé dans la culture. C'est peut-être ce qui se vérifie par rapport à la psychiatrie, par exemple, de moins en moins proche de nous.

Dans le sens inverse, il se peut que d'autres domaines de la culture puissent être plus proches de nous et il faudra envisager quoi faire avec les nouvelles demandes qui en découlent. Dans le cas du Brésil, on repère un dangereux désir d'appropriation de la psychanalyse par des pasteurs protestants au sein des innombrables églises qui se sont répandues dans les classes pauvres ces derniers vingt ans. Qu'on se souvienne que les deux dernières tentatives de réglementation de la psychanalyse ont pris origine des hommes politiques liés aux protestants. Ceci dit, on voit ici et là une deuxième nouvelle génération, plus aisée économiquement, s'intéresser de plus en plus à la psychanalyse dans la quête d'une transcendance non forcément liée à la religion.

Finalement, le Brésil reste plus lié bien plus à ce qui se passe aux États-Unis qu'à d'autres pays, y compris la France ou les autres pays de l'Amérique latine. Ceci est tout aussi vrai en ce qui concerne la formation culturelle de la population: quand on parle une deuxième langue, c'est presque toujours l'anglais. On pourrait peut-être se servir d'avantage de cette proximité quand il est question d'une stratégie de travail de l'AMP par rapport aux pays de langue anglaise.

♦ Redigido para a reunião do Conselho da AMP em janeiro de 2013. Este texto é inteiramente tributário das discussões e elaborações dos integrantes do Conselho da EBP, constituído por Fátima Sarmiento, Luiz Fernando Carrijo (secretário), Marcelo Veras, Marcus André Vieira (presidente), Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros, Ram Mandil, Romulo Ferreira, Rosane da Fonte, Sergio de Campos e Simone Souto.

¹ Explica-se porque dentre as Escolas da AMP a EBP seja talvez a única cujo Conselho tenha optado por manter o Congresso restrito a seus membros.

² Não é necessariamente uma má localização. Vejam a ironia dessa situação: Uma “cartilha” para o atendimento dos autistas foi elaborada, dentre outras fontes, com base no trabalho de um grupo de psicanalistas lacanianos não ligados à AMP. Foi incluída, por este grupo, uma avaliação da situação e propostos critérios para diagnóstico precoce e treinamento das equipes de Centros de saúde. Apesar desse grande esforço em se oferecer como interlocutor válido do ponto de vista institucional, o governo do Estado de São Paulo, apoiado nessa própria cartilha, passou a exigir a presença de profissionais com formação em TCC nas instituições conveniadas, por considerá-la a única capaz de seguir critérios científicos de validação.

³ Por essa razão no próximo congresso da EBP teremos uma conversa intitulada “de onde vêm, hoje, os analistas de amanhã?”.